Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

O AÇAÍ COMO ELEMENTO DE ESTUDO DO LUGAR: uma experiência educativa no Igarapé da Fortaleza (Amapá)

Andreza dos Santos Gonçalves
andrezaa_sg@hotmail.com

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Amapá (UFAP). Professora da Rede Municipal de Melgaço/Pará.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0389-6282

Pablo Sebastian Moreira Fernandez
pablosmfernandez@gmail.com

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5594-6990

RESUMO

O lugar de vivência enquanto uma ideia que funda e unifica a pesquisa, a reflexão crítica (e sensível) e uma prática educativa no campo do Ensino de Geografia. O lugar é também um elemento de análise que revela o espaço geográfico (natural, social) em sua complexidade de relações e dinâmicas, de nuances da vida e de geograficidades múltiplas e complexas. Como ponto de partida para este estudo, elegeu-se o Açaí, fruto de grande significado cultural e econômico, presente na alimentação e no cotidiano da cultura ribeirinha da Amazônia, como elemento que estabelece relações de conhecimento e significação. É neste contexto que se deu um um projeto de ensino-aprendizagem na comunidade e Escola Estadual do Igarapé da Fortaleza, localizada no município de Santana - Amapá, durante o ano de 2015. Este "movimento" permitiu aos envolvidos o reconhecimento de saberes locais e tradicionais, de uma rede de sujeitos e identidades fluída e dinâmica como "as águas", de valores e sentidos de pertencimento à natureza, além de permitir a visualização e valorização do lugar-escola em um contexto global, a partir da produção e circulação de conhecimentos por estes alunos/habitantes deste espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Lugar, Ensino de Geografia, Açaí, Geograficidade.

EL AÇAÍ COMO ELEMENTO DE ESTUDIO DEL LUGAR: una experiencia educativa en 'Igarapé da Fortaleza' (Amapá)

RESUMEN

En este artículo el lugar es comprendido como una idea fundacional (desde una perspectiva fenomenológica) que unifica la investigación, la práctica educativa y la reflexión crítica y sensible. También se considera como un elemento de análisis y de estudio que integra el espacio geográfico (natural, social) en su complejidad de relaciones y dinámicas, de matices de la vida y de geograficidades múltiples y complejas. Como punto de partida para este estudio, se eligió el Açai, fruto de gran significado cultural y económico, presente en la alimentación y en la rutina de la cultura ribereña de Amazonia, como elemento que establece relaciones de pertenencia y construcción del lugar. Es en este contexto en que se desarrolló un conjunto de prácticas educativas en la comunidad y en la Escola Estadual do Igarapé da Fortaleza, ubicada en el municipio de Santana, provincia de Amapá - Brazil, durante el año 2015. Este "movimiento" permitió a todos los implicados el reencuentro y el reconocimiento de saberes locales y tradicionales, de una red de identidades, de los valores y sentidos de pertenencia a la naturaleza, además de permitir visualizar y valorar el lugar-escuela en un contexto global, como pujanza para la convergencia y producción de conocimientos.

PALABRAS CLAVE

Lugar, Enseñanza de Geografía, Açai, Geograficidad.

Introdução

Esta "prática educativa" é derivada de um projeto de atuação pedagógica proposto no interior do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amapá, e objetivou o reconhecimento do conceito de lugar a partir da ideia de geograficidade. Tal projeto foi realizado no ano de 2015 com alunos do sétimo ano do bairro e da Escola Estadual do Igarapé da Fortaleza, localizado "entre" os municípios de Santana e Macapá, no estado do Amapá. Igarapé, que na linguagem local é: "um pequeno braço de rio por entre a floresta", traz paisagens humanas e ambientais complexas: aquática e florestal, ribeirinha e urbana, equatorial e amazônida, situadas à margem esquerda do baixo rio Amazonas, entre uma capital de estado (Macapá) e um entreposto portuário de escoamento de minérios (Porto de Santana).

Como objetivo de tal proposta de ensino, se daria a busca pelo entendimento do espaço geográfico e a desenvolvimento de um pensamento espacial, fundado na intersecção do estudo teórico com a do reconhecimento das espacialidades cotidianas dos alunos. Assim, o conceito é entendido como uma ferramenta (fundada em Ciência)

que pode orientar (ou mediar) os sujeitos em seus processos de compreensão e análise da realidade, na reelaboração de conhecimentos, e principalmente na ressignificação "de si" e de suas experiências geográficas[1]. Nesta senda, é relevante considerarmos que: "transformar o conteúdo geográfico em ferramenta do pensamento dos alunos implica a busca dos significados e sentidos dados por eles ao diversos temas abordados em sala de aula, considerando sua experiência vivida" (CAVALCANTI, 2012a, p.49).

Partindo da concepção educativa apresentada anteriormente, elegemos o conceito de lugar como ponto de partida a partir de uma perspectiva Humanista e Cultural de cunho fenomenológico, partindo do conceito de geograficidade como um tipo de relação do *ser-no-mundo*, aonde o espaço acessado em sua concretude, transforma-se diante de "nossa dimensão, em um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós (DARDEL, 2011, p.26). Já o lugar nesta concepção, é mais do que um "ponto de localização" geográfica dado a partir do "cruzamento" de coordenadas sobre um mapa, estando intimamente ligado aos tipos de experiências e o envolvimento com o meio, sendo que "[lugar] focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas" (RELPH, 1979 p. 16).

O açaí como elemento constituidor do lugar

O lugar nesta proposta pode ocorrer em múltiplas escalas tendo estas configurações se constituído a partir de nossas experiências, sendo: 1) o "Igarapé da Fortaleza" enquanto uma **localidade** de importância comercial regional, onde se dá o escoamento e a chegada do fruto do Açaí, suas trocas comerciais e o trabalho inseridos em uma dinâmica global; 2) a **comunidade** situada na margem do rio Amazonas com seus tributários, meandros, "braços", sua floresta, sua paisagem cultural ribeirinha, com seu modo de vida, lazer, brincadeiras, hábitos, onde se desenvolvem relações de vizinhança, amizade e solidariedade; 3) a **escola** como "lugar do encontro" de culturas, de saberes científicos e de saberes cotidianos" (CAVALCANTI, 2012b, p.45), e assim de encontro de identidades e alteridades; e 4) considerando que cada **sujeito** "é um lugar" se considerarmos suas vivências, e que suas trajetórias tecem uma trama onde se inserem outros lugares, parecido com a ideia de "pausa no movimento (TUAN, 2013).

[1] É relevante indicar que esta proposta educativa se adequou a um contexto específico, e dependendo disto poderia se dar de modo inverso ou diverso: partindo da vivência ao acesso ao conceito.

Assim, o lugar se constrói a partir das relações do sujeito com o mundo e consigo mesmo, e se estabelece a partir da troca de saberes e conhecimentos ambientais e locais, úteis e estratégicos á vida, como pode ser constatado na fala de Dona Socorro, uma habitante do lugar entrevistada pelos alunos:

> [...] levanto às cinco e meia da manhã. Com a bicicleta cargueira me desloco até a Rampa do Açaí. O caminho não é tão longo, dá para sentir a neblina e o vento agradável, e ainda não é aquele "sol do meio do mundo". São cinco minutos carregados de boas sensações. No clarear do dia, sem ruídos de cidade, pois aqui em volta é tudo mata. É fácil ouvir o vento andando de bicicleta. O frio e a umidade chegam gotejar sobre a pele. Ao chegar lá, só se escuta a falação dos atravessadores e batedores de Açaí acertando preços. É um lugar de troca, de comércio, onde chegam os barcos das comunidades do entorno. Os movimentos não vêm somente dos barcos, mas também das pessoas, que sobem e descem equilibrados [sobre pontes de madeira] com os paneiros[2] na cabeça. Depois é só voltar para casa levando o sustento da família e começar de novo.

Este relato coletado por um aluno e apresentado em sala de aula, nos apresenta uma vivência que articula uma rede de lugares (a casa, a rampa, os "ramais" e as pontes de madeira) fundados no cotidiano desta comunidade e do trabalho alí realizado. Neste caso, o açaí e sua relação com o lugar não se reduz ao aspecto econômico, mas orienta uma "atenção" para a paisagem e seus elementos naturais (a neblina, a mudança de temperatura, a umidade), e como estes se "conectam" com o elemento humano, avistado nos modos de vida e sociabilidades, na corporeidade, nas técnicas e formas de realizar o trabalho, ou seja, o lugar torna-se um "recorte" do espaço que organiza identidades, intersubjetividades e as trocas simbólicas no âmbito individual e coletivo, e a Geografia enquanto narrativa (científica, educativa) atuaria na ação de "descrição e decodificação" da Terra.

As características deste lugar estão intimamente ligadas às raízes ribeirinhas e ao cotidiano amazônida, avistadas na "marca" que as águas imprimem nas casas "elevadas" em palafitas, nos trapiches e atracadouros, nas canoas e embarcações que vão do pequeno ao médio porte, elementos expressivos da relação homem/natureza e que ganham visibilidade neste "braço" do Amazonas. O igarapé e sua fluidez representam "movimento e vida", a floresta e as palmeiras dos açaizais tornam-se elementos a compor estes "cenários significantes" (RELPH, 1979, p. 13).

A importância sociocultural e econômica do açaí está centrada na extração, comercialização e consumo *in natura* dos frutos e do palmito, sendo o fruto (em polpa) considerado como um alimento base em muitos lugares da região Norte do país,

[2] Utensílios em formato de cesto utilizado para armazenar o Açaí, geralmente são produzidos em lascas de Arumã uma árvore nativa da Amazônia específica da mata de várzea.

associado ao afeto e a alegria, participando também da construção de identidades e de um imaginário da Amazônia, atuando na construção de seus mitos, lendas, narrativas (FRAXE et. all, 2007, p.94 ; VASCONCELOS, 2010, p.1). Ele ainda revela um modo de vida sustentável, visto que o ribeirinho amazônida, habitante das várzeas "desenvolveu todo um saber na convivência com rios e com a floresta [...] dos quais todo um modo de vida e de produção foi sendo tecido, combinando essas diferentes partes dos ecossistemas amazônicos com a agricultura, o extrativismo e a pesca" (GONÇALVES, 2001, p. 154).

Reconhecendo o lugar a partir do açaí

O projeto de ensino-aprendizagem "Reconhecendo o lugar a partir do Açai", foi idealizado a partir das observações e vivências dos Estágios Supervisionados em Geografia na Universidade Federal do Amapá, e propôs a construção de caminhos para a valorização, a produção e a circulação de conhecimentos sobre o lugar, tendo se desenvolvido no formato de oficinas nos turnos e contra-turnos com alunos do sétimo ano (moradores) do bairro e da Escola Estadual do Igarapé da Fortaleza, durante o ano de 2015.

O projeto se desenhou após os períodos de observação e vivência na escola, que trouxe como uma demanda à proposição de práticas educativas que tratassem de temas "ambientais", relacionadas ao uso da água, à preservação, consumo e à sustentabilidade, e que considerasse que a comunidade está inserida em uma Área de Proteção Ambiental. A partir deste cenário, o projeto de ensino-aprendizagem estruturou-se um conjunto de ações, como: rodas de conversa, entrevistas com moradores mais "antigos" intuindo um resgate da memória do lugar, leituras e estudos dirigidos, oficina de fotografia e escrita poética, uma trilha educativa (figura 1) com roteiro elaborado a partir do relato dos espaços vividos dos alunos.

Figura 1: Trilha educativa no Igarapé da Fortaleza



Legenda: Alunos caminhando por entre as pontes da várzea e palmeiras de açaí, e portão do entreposto comercial da empresa norte-americana Sambazon.
Fonte: Pablo Sebastian Moreira Fernandez, 2015.

Foi a partir deste percurso "guiado" pelos alunos e por um conjunto de expressões e relatos (de grande carga afetiva) coletados durante a "atividade de campo", que os pesquisadores/professores de Geografia puderam perceber que estas indicavam, além de descobertas, curiosidades, saberes tradicionais, uma clara compreensão dos conceitos da Geografia e da "temática ambiental". Esta abertura para uma linguagem "direta" como caminho experimental, potencializaram o exercício de observação e descrição da paisagem (que seriam aprofundadas a posteriori em sala de aula), aonde observadores podiam "admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante" (DARDEL, 2011, p.3).

O lugar é acessado em sua complexidade ambiental e humana, onde a palmeira do açaí depende de um "espaço aquático" para se desenvolver, e é também a partir dos rios e igarapés por onde ocorre seu transporte. A água simboliza vida, mas também a morte neste lugar "alagado", associada a falta de esgoto tratado e saneamento básico às desigualdades de acesso à infra-estrutura, às doenças e endemias que proliferam como dengue, hepatite, malária,... e que pode ser acessada no relato: "*a água do Igarapé sofre com a poluição, as pessoas jogam lixo no rio e isso prejudica bastante a vida dos seres vivos que ali vivem*" (relato de A.S.).

O açaí também "é o ar", que vai além das médias ideais de temperatura e de pressão para se desenvolver a palmeira *Euterpe oleracea Mart*. (açaí), é o frio e a umidade que chegam a gotejar sobre a pele do "catador" de açaí, é a neblina e o vento agradável,

são as chuvas com sua constância que marcam o tempo da vida e do trabalho, percebido por pessoas que cotidianamente vivenciam estes elementos da natureza, indicando o que podemos denominar como espaço aéreo ou a atmosfera:

> Invisível, e sempre presente [...] permanente e, no entanto, cambiante [...] imperceptível, mas arrancado pelo vento de sua insignificância. O espaço aéreo vibra e ressoa [...] é um espaço sustentador onde ocorrem as nuvens, onde cai a chuva. Espaço aéreo é também uma matéria que nos dá a sensação imediata de sua presença (DARDEL, 2011, p. 23-26).

O açaí "é" também a terra, quando se compreende o seu meio físico: floresta de várzea temporariamente inundada, o solo (o *gleyssolo,* sedimentar) do estuário amazônico que sofre forte influência de rios que carregam sedimentos e os depositam nas margens do rio Amazonas. O lugar é um conceito privilegiado para compreender a relação dos alunos com a Natureza, a partir do momento que funda uma interconexão e integração de disciplinas (e conteúdos) escolares com saberes "não escolares" (CAVALCANTI, 2012a, p. 41; LEFF, 2010 p. 165). Neste caso, o lugar conceitual se aproxima do conhecimento dos mais antigos, dos indígenas, dos ribeirinhos, e atua na produção e circulação dos conhecimentos entre comunidade, escola e sujeitos que os habitam.

Este lugar[3], impulsiona o desenvolvimento de um raciocínio espacial necessário "para representar e interpretar um mundo em constante transformação", e em nosso caso, partiu-se do princípio de conexão, que considera que um fenômeno nunca acontece de modo isolado, "mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes" (BRASIL, 2019, p.360). Tal princípio, contextualizado nos Anos Finais do Ensino Fundamental, vislumbra que os alunos "compreendam e relacionem" as dinâmicas, conexões e interações entre a Natureza e a Sociedade, a partir de temas como: sujeito e identidade, formação do território e territorialidades, mundo do trabalho e outros. Assim, entende-se que o Porto do Açaí fotografado e analisado pelos alunos durante a trilha, (figura 2) representaria o princípio de conexão em sua dinamicidade de agente produtor do espaço geográfico.

[3] A centralidade do lugar pode ser vista nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia aproximada do princípio "clássico" de conexão ou conectividade, visto que: "conhecer e transcender de seu lugar como forma de existência para outros lugares, e saber operar com as mediações necessárias para compreender a diversidade do mundo" (PCN, 1998, p. 87).

Figura 2: O porto do açaí como lugar de conexões



Legenda: Fotografias realizadas pelos alunos da E.E. Igarapé da Fortaleza a partir da oficina "Lugares do cotidiano": A) Paisagem do Igarapé com barcos e palmeiras; B) Negociantes e paneiros com açaí; C) Carregador de sacas do fruto e D) Açaí a ser comercializado.
Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

As linguagens e assim a escrita sobre a vivência no lugar (cartográfica, imagética, poética, textual) tornaram-se protagonistas, ao permitir a continuidade deste "movimento" em direção à análise geográfica e ao entendimento dos conceitos geográficos e da dinâmica do espaço, partindo de suas observações e questões tecidas durante o projeto.

Esta concepção do espaço "produzido" pelo capital orientou um exercício imaginativo: diante de um *mapa mundi* de Economia, os alunos "indicavam com os dedos" a Amazonia, a localização de algumas comunidades, portos, rios, mares, refletindo sobre todo um ciclo de extração, industrialização, distribuição e comercialização, criando uma trajetória do açaí no mercado mundial. De modo complementar a esta dinâmica, um aluno tece um comentário criativo e crítico diante do logotipo da empresa norte-americana Sambazon[4], no portão de seu entreposto comercial no Igarapé (figura 1), da seguinte forma: "este índio estilizado reforça um estereótipo

[4] A empresa em seu site oficial se define como: "líder global em produtos de açaí premium, orgânico e 100% natural". FONTE: SAMBAZON, 2005.

sobre este lugar como uma aldeia e me parece feito para um público do primeiro mundo, vistro os traços e cores modernas".

A leitura do espaço feita pelos alunos a partir de seu aspecto econômico, revelou um lugar onde as relações e as dinâmicas do capital global imprimem "marcas" tecnológicas e modernizantes nos modos de trabalho, na sociedade, na relação com o fruto e na economia local[5]: como o aumento do preço dado a falta do produto nas entresafras ou pela sua exportação. Deste modo, Igarapé da Fortaleza se apresenta como um tecido de conexões, de relações "de mútua dependência entre os homens, entre as estruturas da sociedade, suas leis, suas instituições, suas técnicas" (DEBESSE-ARVISET, 1974, p. 103).

Algumas considerações

Este texto propôs tecer uma reflexão teórica e epistêmica, quanto fundar uma prática educativa aplicada ao Ensino de Geografia e estruturado em um projeto de ensino-aprendizagem a partir do conceito e do conteúdo de lugar. Esta escolha reverberou e constituiu uma ideia integradora à análise e à aprendizagem do espaço geográfico, abarcando o lugar (e o açaí) em dimensões complexas e complementares, tais como: a vivência e a experiência dos sujeitos compondo um conceito científico e um conteúdo escolar que fala da realidade próxima, como "ponto de partida" para o olhar e a análise geográfia que participam de uma tomada de consciência do mundo e de si; o lugar como integrador das dinâmicas da sociedade e da natureza, e assim como *lócus* de uma leitura analítica do espaço e da possibilidade da cidadania.

Estas espacialidades acessadas pelos pesquisadores/professores no projeto de ensino-aprendizagem, construídas em torno do açaí com seu significado social, cultural e afetivo, permitiu que os alunos pudessem ressignificar suas identidades e seus olhares para os lugares, permitindo a conexão destes com outras realidades e geograficidades, seja em escalas intermunicipais, regionais, nacional, global. A tomada de consciência destes e o estabelecimento de conexões, atuam na complexificação de seus repertórios geográficos, expressos na utilização de termos como localização, posição, pertencimento, mobilidade, interação. Assim, o aprendizado pode se dar no momento

[5] "O lugar é, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização (CAVALCANTI, 2012a, p. 50).

em que estes jovens compreendem que estas ideias dizem de suas vidas, e que estas compõe uma redes de lugares" significativos.

O lugar "conceitual" se tornou potência no interior desta prática educativa em Geografia, quando desenvolvido e conectado com a realidade, transcendendo para o lugar vivido, material e onde o aluno "se faz presente". O entendimento da escola enquanto "lugar de encontro" expresa um engajamento, um ato político que busca o reconhecimento de saberes não oficiais, das múltiplas realidades e identidades, da cidadania. Diante de crescentes localismos "conservadores" seja na escola ou nos lugares em escala global, esta proposta nos fez ainda, pensar a alteridade como caminho do conhecimento espacial, como um saber "estratégico" que considera cada sujeito como um lugar significativo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012a.

____. **A geografia escolar e a cidade**. Campinas, SP: Papirus, 2012b.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica (Tradução W. Holzer). São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

DEBESSE-ARVISET, Marie Louise. **A Escola e a Agressão do Meio ambiente**: Uma revolução pedagógica (Tradução G. S. de Souza e H. Souza). São Paulo: DIFEL, 1974.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

GONÇALVES, Carlos W. Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental** (Tradução de Sandra Valenzuela). São Paulo: Cortez, 2010

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

SAMBAZON. **Tribal Açaí**. Disponível em: http://www.sambazon.com.br, acessado em 15 de Dezembro de 2015.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência (Tradução de Lívia de Oliveira). Londrina: EdUEL, 2013.

VASCONCELOS, Marcus Arthur M.; NETO J. T. F.; SILVA, F.F. **Cultivo, processamento, padronização e comercialização do açaí na Amazônia.** Fortaleza: Instituto Frutal, 2010.

Recebido em 14 de julho de 2019.
Aceito para publicação em 20 de julho de 2020.